



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM UNÍQUICO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

21 de Junho de 2008 • Ano LXV • N.º 1677
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239

Alargar o nosso horizonte

A O folhearmos as *Normas de Vida dos Padres da Rua* na parte que diz respeito ao seu *Agir*, no número 82, pode ler-se: «Em primeiro lugar por ordem cronológica e na extensão do serviço, é o amparo da criança abandonada, que a Obra realiza nas Casas e Lares do Gaiato». Trata pois da finalidade da Casa do Gaiato: «o amparo da criança abandonada».

Numa Sociedade como a nossa, na qual, cada vez mais, rareiam as crianças nas famílias e se multiplicam as respostas de integração social para as que estão em risco de abandono e mau-trato, que fica a sobrar para nós? Eis uma pergunta que frequentemente se ergue no nosso horizonte existencial, de forma aguda. Em vários escritos d'O GAIATO o temos referido. Padre Telmo, no seu último apontamento para O GAIATO, o exprimiu

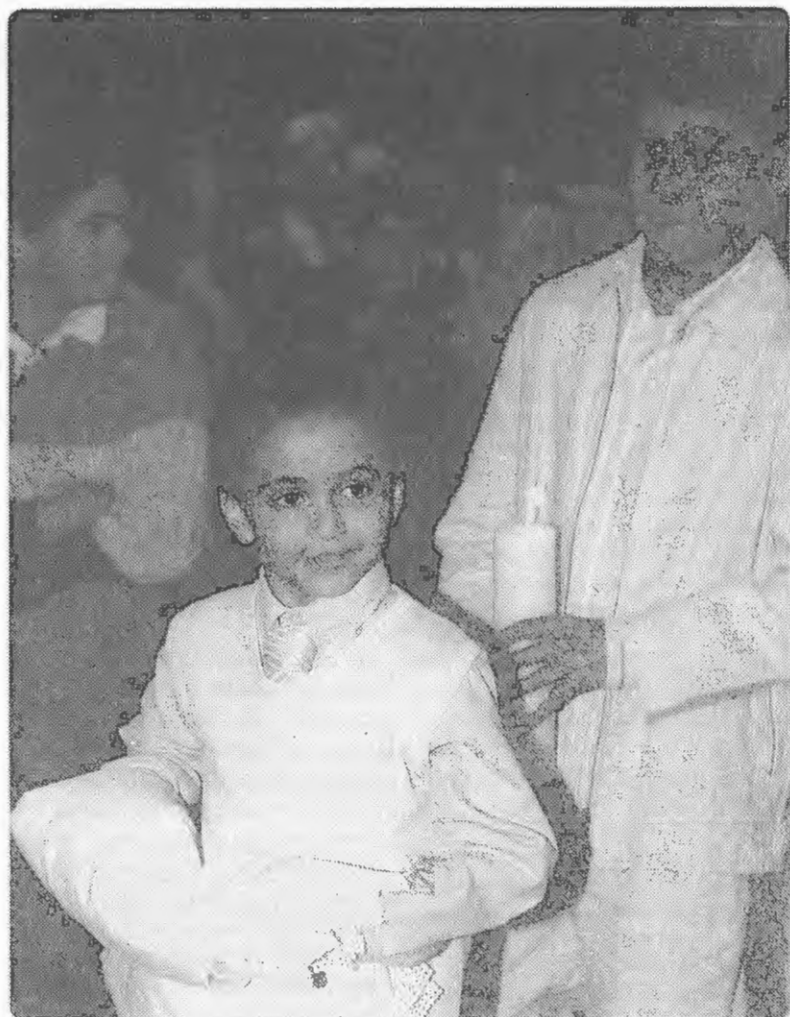
de forma contundente, ao observar, com tristeza, a ausência dos «Batatinhas» em todas as nossas Casas, confrontando esta situação com a «multidão de crianças em Angola...» que fazem jus à «alegria de ser mãe» e à «alegria de nascer» — sentimentos tão arredados desta nossa Europa fria e infértil.

Em tal contexto sociológico é importante redimensionar o nosso lugar e na fidelidade ao Espírito de Deus que suscitou o carisma da Obra da Rua no coração de Pai Américo, estar atento aos sinais dos tempos numa linha de abertura e de aposta na Missão evangelizadora da Igreja principalmente junto dos mais Pobres.

As nossas Casas em Portugal começam a ser observadas como quintas enormes, naturalmente belas e verdejantes — bom augúrio de êxito do projecto educativo na linha do pensamento do Padre Américo — mas estão ficando vazias! E permanecer nelas só para tomar conta do património é a morte!

De outras latitudes chegam-nos apelos, gritos inocentes de dor e sofrimento a que não podemos

Continua na página 4



O mais novo e o mais velho dos baptizados, em 18 de Maio, na Capela da Casa do Gaiato, em Paço de Sousa.

CALVÁRIO

As rolas

PASSEIAM-SE na nossa quinta, procurando no solo grãos de sementes. Vão ao lago debicar umas gotas de água. Depois, voam de mansinho, como que levadas pelo vento, até aos ramos das carvalhas, onde poísam lentamente, desafiando as leis da gravidade. A brisa que sopra fá-las baloiçar, despreocupadamente. À noite, recolhem-se nos densos ramos das tuías onde fazem os ninhos.

Parece que nada as inquieta. Andam felizes porque se aceitam como são. Vivem contentes com elas próprias.

Ora, como as rolas despreocupadas, também o João na cadeira de rodas passa os dias sereno. Para ele não há problemas. É infantil, apesar de quarentão. Basta-lhe um relógio no pulso, mesmo parado, e um rádio para ter o mundo todo na mão. Não aspira a grandes coisas. Aceita-se como é, paraplégico. Não questiona a vida, mesmo a ausência dos seus que muito raramente o visitam. Não faz comparações, nem inveja a vida dos que andam pelo seu pé. Está contente com ele próprio, com a vida que leva. Muitos têm pena dele. Ele não tem pena de ser assim.

Para se ser feliz temos, primeiramente, de nos aceitar como somos, com a nossa identidade, com as nossas capacidades e limites; com a nossa grandeza ou com a nossa pequenez; com as nossas virtudes, mas também com os nossos defeitos.

Depois, aceitar a amizade dos que nos rodeiam ou a antipatia daqueles que nos repelem — isso é com eles; aceitar os outros como eles são.

E, ainda, aceitar o meio em que vivemos, o mundo que nos cerca. Contemplar a natureza é tónico eficaz para nos encantarmos.

Muitos não são felizes porque desejam ser diferentes do que são. Aspiram a posições sociais diversas daquelas que possuem. Sonham com coisas que não podem possuir ou usufruir. Não aceitam a vida como ela é e vivem numa insatisfação permanente.

As condicionantes materiais ou físicas não roubam a paz de quem a encontrou. As Bem-Aventuranças são norma que conduz à felicidade, mas poucos as conhecem e vivem.

Felizes as rolas meigas nos píncaros das árvores!

Padre Baptista

MOÇAMBIQUE

Somos instrumento de Deus

CHEGARAM à Alfândega e já o Senhor Ministro das Finanças isentou de impostos, o contentor e a *palette* que traz a grua para retirar os telhados das Casas da nossa Aldeia e recuperar as estruturas e colocar nova telha. Não é que esteja tudo perdido, mas devido à péssima confecção da telha a água tem entrado quando chove, a ponto de os Rapazes terem de fugir de seus quartos. Várias vezes substituímos telhas, mas outras aparecem partidas. Não há outro remédio.

Só dinheiro é que não temos. A Casa do Gaiato de Paço de Sousa, sobre quem recaem todas as necessidades das de África, além de estar com a recuperação da casa-Mãe, sangrou demais para nos enviar tudo, e nem tudo coube do que havia. Muito foi comprado, a remessa marítima é cara, aqui também não fica nada barato, apesar da isenção alcan-

çada, trazer tudo para dentro de Casa. Quantos passos perdidos, quantas arelias, transtornos na nossa vida de Casa, idas diárias à cidade, durante quinze dias, não chegam. Até que tudo saia do porto.

Depois, é uma festa. Todo o mundo ajuda. Roupas e calçado para um lado, comida e material escolar para o seu. O que é das oficinas para elas, o que é do campo para lá, o que é das obras para o seu lugar e o camião regressa vazio à cidade em pouco mais de uma hora.

Os nossos planos, tão longamente preparados e tão desejados de fazer uma reparação geral às casas dos Rapazes e ao Salão, estão, porém, comprometidos. Dependemos absolutamente da misericórdia de Deus. Só Ele faz maravilhas. Porque somos pecadores, porque não valemos nada aos olhos do mundo, porque fizemos aliança com os que sofrem à

nossa volta, só acreditamos firmemente na palavra do Evangelho. É manifesto que Deus tem uma predilecção pelos marginalizados e eles são a nossa parte, são a herança que Pai Américo nos deixou. E porque tantas vezes vêm em nossa ajuda, aqueles que se julgam marginalizados por Deus ou até nada querem com Ele, mas são afinal seu instrumento preferido porque acreditam em nós que O servimos, também acreditamos neles. Nunca o dinheiro há-de ser um obstáculo para as obras de Deus

Assim, confiantes, jubilosos, de mãos dadas, vamos caminhando no dia-a-dia que o Senhor nos dá para viver. Às vezes a tremer, com a saúde em perigo, mas Ele é que sabe, conforta-nos a certeza de estar nas Suas mãos. Desde que chegue para caminhar e a cabeça funcione, graças a Deus.

Padre José Maria

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

«BEM-AVENTURADOS OS POBRES — Outono é por natureza uma Estação de transição. Transição do Verão, que foi tempo de maturação e de colheitas, tempo de férias e de desocupação, tempo de encontros e de desencontros. Tempo sobretudo de maior aproximação com a natureza e com tudo o que constitui o cosmos que habitamos. Nem sempre significa maior preocupação para com o outro!...

Outono é tempo de viragem, caem as folhas, a natureza entra no seu defeso e o homem retempera energias, recompõe-se do esforço e da fadiga e prepara-se para um novo recomeço. É tempo de contemplação e, por isso mesmo, tempo de deitar contas à vida, repensar a existência... Logo surge o Inverno, estação de maior recato e, por via de vários factores, a que nos predispõe mais a pensar no nosso próximo, a ter para com ele atitudes e gestos fraternos, ainda que fugazes, mas gestos...

De permeio surgem os «Santos», tempo de recordação, de nostalgia, mas momento em que lembramos os nossos que já não estão entre nós, que nos marcaram com a sua existência e também com os seus gestos. Momentos em que a santidade mais nos sensibiliza!

Bem-Aventurados os que Me servem nos outros, deve ser a divisa que nos impele a um maior e melhor serviço, a uma maior e mais franca disponibilidade, a uma mais sincera partilha de vida, sendo autênticos mensageiros da felicidade, da harmonia e da verdade.

Bem-Aventurados os que servem, no silêncio e na humildade das suas vidas.

Bem-Aventurados...

Que o Senhor nos ajude a perceber o verdadeiro sentido da santidade e nos anime a ser santos, na autenticidade da vida e da comunhão sem reservas.

M. C. G. — Escalada»

RECEBEMOS — Guimarães, assinante 19148, cinquenta euros e um «aquí vai uma «receita de genéricos» para a vossa deficitária farmácia...» Bem-haja.

Lourdes: «Como de costume junto envio os grãosinhos, pouquinho mas da melhor vontade. Só tenho pena de não poder ajudar mais, mas a vida cada vez está mais difícil. Pedindo que vão tendo muita saúde para levarem esse barco no seu rumo», 30 euros.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

SETÚBAL

PALHA — Este ano tivemos uma vasta produção de ervas de Inverno. De uma parte recolhemos a silagem e de outra a palha. Este ano veio até nós um senhor Amigo para preparar alguns dos nossos terrenos, cortando as ervas e pondo-as em fileiras ordenadas de palha. Depois, trouxe



consigo uma máquina que enfarda a palha e a transforma em fardos atados com corda. Agora, nesta fase, tem-se de os apanhar para os armazenar nos palheiros. Para isso, alguns Rapazes tiveram de abdicar de algum descanso para apanhar os fardos do terreno, já que o trabalho é em excesso. Para quem olha de longe para os campos, vê logo que os fardos já passam de mil e quinhentos. É muito trabalho e nós temos de aproveitar o tempo porque depois o resto do ano é para a escola. Já amontoámos uns bons fardos de palha para depois alimentarmos as nossas vacas no resto do ano.

BATATA — Este ano a batata chegou mais cedo e mais cedo se foi. O terreno para a batata foi um dos mais pequenos, daí a causa da rapidez na apanha desta. A batata tem de se apanhar na época de Verão para depois ficar encoberta na sombra, debaixo dos telhados da casa-da-batata. Outros Rapazes estiveram nesta à espera que a batata chegasse, para a arrumarem hem e colocarem sobre ela o pó para a proteger das borboletas que gostam muito da nossa batata, como nós.

FUTEBOL — Há duas semanas atrás, tivemos a honra de receber em nossa Casa um grupo desportivo do Seixal para um encontro-convívio de futebol. Em relação ao jogo: começou bem, com risos e alegria por parte das equipas de cada lado. Começámos por marcar primeiro e eles depois. De seguida, aumentámos o resultado para dois e, a partir daí, foi sempre a somar até aos oito golos. Eles ainda lá marcaram um outro golito, por um nosso auto-golo: Mas no final da partida, estivemos todos bem, como em todo o jogo, e até fomos todos desfrutar dum banho na piscina que já está pronta. Depois, houve uma pequena merenda para nos sentirmos confortáveis. Foi um dia engraçado. Esperamos que haja mais destes, para a nossa formação desportiva.

ESCOLA — Passou mais um ano escolar. Após uma temporada de suor e lágrimas, chegou o momento do descanso. A escola é, para os olhos de alguns, um obstáculo que muitas

vezes exige luta para passar. Certo é que alguns passam, outros ficam para trás. Este ano passou-se o costume. Passou a maioria dos Rapazes, mas dois ou três conseguiram reprovar. Para o ano cá estaremos nós, novamente, para mais uma luta diária, como a principal base para a nossa formação e preparação para o futuro.

Danilo Rodrigues

PAÇO DE SOUSA

SAÍDA — No sábado passado, o Hugo Pina e Zé Reis foram a Santo Tirso. A Telma, catequista, foi buscá-los para irem a uma pequena celebração de final de catequese do 1.º ao 6.º anos. Seguiu-se uma pequena merenda e jogos tradicionais. Por fim, fez-se uma caminhada até à igreja de Burgães, e lá celebrou-se a Missa. O nosso agradecimento a todos.

ESCOLA — Chegou o final do ano lectivo para os Rapazes do 9.º ano. Uma semana em casa para se preparem para os exames nacionais. Os restantes, ainda fazem testes de avaliação de conhecimentos. Bom trabalho.

VISITAS — São muitos os grupos de catequese, escolas, escuteiros e Amigos que nos vêm visitar. Convivem connosco e acabamos por criar laços de amizade que nos unem. Continuem a vir, somos a porta aberta.

Zé Reis

DESPORTO — Acabou como começou, o *Inter-Casas 2008*: com toda a gente reunida num verdadeiro convívio.

Um torneio que correu bem, com excepção de um ou outro pormenor, muito por causa de quem pouco percebe da matéria, e muito pouco faz em prol do desporto e do convívio. Para esses, nunca nada está bem... e, então, quando se perde, pior, fica o doente!

Os preparativos para a final do *Inter*, começaram no princípio da semana.

«Quim Carpinteiro», teve um trabalho precioso. Arranjou e fez mesas novas de portas velhas, para que no dia, já que a casa-Mãe anda em obras, tudo estivesse em ordem no salão por cima da adega. Para este mesmo local, mas no dia da festa e para preparar todo o resto, o trabalho da D. Fatinha, senhora da roupa, com alguns rapazes, foi ouro sobre azul.

Na cozinha, era outra onda de euforia. D. Paula, esposa do Zé Alberto, mais a senhora que acompanha o desporto durante todo o ano, não tiveram um minuto de descanso. Os rapazes, também foram um elo de ligação muito importante. Colaboraram como «gente grande». Aqui é que se notou a falta da já referida Casa-Mãe. É caso para dizer: Mãe é Mãe! E eu que o diga... Adiante!

A chuva continuava a cair. Tó-Zé e «Garnisé», tiveram que marcar o campo por duas vezes e, mesmo assim, quase na hora do jogo, o árbitro «obrigou» a marcar uma das linhas laterais que, com a chuva, estava quase imperceptível.

Às 13h00 chegou o nosso Padre Manuel Mendes, com os Rapazes de Miranda do Corvo e, juntamente com eles, os de Setúbal. Chegaram bem, sorridentes e todos bem-dispostos. Era dia de festa.

O almoço estava pronto e, depois dos rapazes se cumprimentarem uns aos outros, fomos para o salão, refeitório improvisado, já que o apetite se ia fazendo sentir. Pai Américo dizia: «Não se deve pregar a estômagos vazios». Assim como também dizia: «Primeiro a obrigação e depois a devoção». No entanto, há momentos próprios para estar nas duas coisas. Quando se quer...!

Depois do respectivo almoço, veio o café. O nosso Padre João, entretanto, foi à Casa do Gaiato de Beire, e como tudo estava já combinado com o nosso Padre Baptista, trás a sua carrinha cheia de rapazes e o Zé Albano com outra, também completa. Estavam nesta altura as quatro Casas do Gaiato, tantas quantas somos no Continente, todas juntas. Era realmente dia de festa rija! Foguetes não houve, mas chuva não faltou. Só foi pena, não poderemos juntar as nossas Casas de África!

Hora e meia antes do jogo, o meu telemóvel toca. Quem era?! Quem havia de ser: o senhor Vítor Carvalho, árbitro da primeira divisão nacional e a sua equipa de trabalho, que tinham deixado de ir ao almoço de despedida da arbitragem de Paulo Parati, para vir dirigir a final do *Inter-Casas*. Um abraço grande para ele e para todos que lhe são queridos, porque muito querido tem ele sido para nós.

Eram 15h30. Começou o jogo. Ora marcas tu, ora marco eu, foi assim até que Paço de Sousa, equipa campeã, resolveu pôr um travão nos golos da selecção, composta pelos melhores atletas de Coimbra e de Setúbal, e começaram a trabalhar um pouco mais a sério, para fixar o resultado final em 6-4. O sétimo esteve à vista. A sorte não quis nada com o Erickson, que tinha saltado do banco uns minutos antes.

Depois desta vitória, da vitória em Coimbra e do empate em Setúbal (...), ainda haverá quem possa pensar e dizer que fomos beneficiados com a arbitragem do Paulo «Mudo»?! Nós é que nos podemos queixar da falta de *fair-play* e de desportivismo. Só não vê quem não quer ver! Haja bom senso! O que é preciso é saber respeitar, e sobretudo, saber respeitar o seu semelhante tal como ele é.

Depois do jogo, os campeões fizeram a festa no campo. Muita alegria e boa disposição, pois tudo estava a decorrer como nós queríamos: entendimento absoluto entre todos.

Seguiu-se a entrega das taças e dos galhardetes aos vários vencedores. Prémios justos e mais que justos! No final, o nosso Padre João falou e falou muito bem. Apelou ao consenso, ao bom senso e à harmonia; apelou para que se não deixasse morrer nunca, a ideia do *Inter-Casas*. É bom, quando são os nossos Padres a fazerem estes apelos e a darem «largas»... ao desporto em nossas Casas. Nunca ele pôs o mais pequenino entrave fosse no que fosse.

Neste capítulo, também o nosso Padre Carlos está sempre atento, quando se trata dos do Lar do Porto, para que eles nunca faltem aos treinos e aos jogos. Tem sido uma pessoa sempre muito próxima do trabalho desportivo desta Casa. O mesmo aconteceu no tempo do nosso Padre Acílio e do nosso Padre Manuel Mendes. Não nos esqueçamos do carinho por eles dispensado, enquanto cá estiveram.

Mas a melhor ainda estava para vir. O porco no espeto. Foi um regalo ver toda a gente em redor do mesmo. Depois, cada qual tomou o seu lugar. Toda a gente comeu e bebeu até dizer: não quero mais. Graças a Deus!

Não quero terminar sem agradecer a presença dos nossos casados e algumas pessoas directamente ligadas a esta Casa. Foi bom e bonito. Todos juntos, parecemos muitos!

Queremos também agradecer a todos os nossos patrocinadores: Sr. Francisco (Valongo), Farimóvel e Fanabel (capital do móvel), que tiveram a seu cargo todos os prémios, com excepção dos três primeiros.



Ourivesaria de Paredes (Irmãos Teixeira), 3.º prémio; Farmácia de Paço de Sousa, 2.º prémio, através da Sr.ª Dr.ª D. Maria José, sempre muito querida; e por último, ao patrocinador do 1.º prémio, que mais parecia o prémio de campeão do mundo, oferecido pelas Carnes Meireles, através do seu gerente, pessoa muito nossa Amiga e sempre muito pronta para tudo, senhor Filipe Couto.

A todos o nosso bem-haja.

Alberto («Resendes»)

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Precisamos de cultivar sempre os nossos campos; embora, o tempo incerto traga dificuldades. Assim, plantámos mais tomateiros, desta vez no pomar, porque não cabiam na horta; e aplicámos herbicida no cebolo. Um campo de milho foi muito atacado pela junça e o cereal não germinou. Depois de aplicarmos herbicida, foi lavrado e semeado de novo. A caixa do milho já chegou ao fundo...

BENS ALIMENTARES — A crise alimentar, com a subida do preço dos cereais, ameaça milhões de pessoas e aumenta a miséria mundial.

Continuamos a receber géneros alimentícios e que pedimos aos nossos Amigos, conforme as necessidades.

Um Amigo de S. Martinho de Campo (Valongo) lembrou-nos, outra vez, que havia mais Kiwis para carregar. Bem-haja! Foi outra carrada, a 29 de Maio, para as nossas sobremesas; e, com açúcar é uma maravilha!

Assim, o 10.º ano do Curso de Acção Social, com o Prof. José Carlos, da Escola Secundária de Soure, dinamizou uma campanha generosa, cujo resultado foi excelente! A 2 de Junho, fomos buscar as caixas com os bens alimentares recolhidos. Agradecemos muito o trabalho desenvolvido e a amizade que demonstraram por nós. Aliás, vieram visitar-nos, depois, a 4 de Junho.

De Semide, a 10 de Junho, as Madrinhas do Igor e do Joaquim trouxeram leite para o nosso pequeno-almoço. Muito obrigado!

Através de Amigo de Condeixa, nesse dia, fomos buscar e agradeceremos sobras de uma refeição no Colégio Apostólico da Imaculada Conceição, em Cernache.

Outros Amigos têm-nos dado vestuário (por exemplo, de Avelar, Valado de Frades e Tribunal de Figueiró dos Vinhos), material escolar (de Paredes de Coura) e mobiliário (de Coimbra), que agradecemos.

CONSULTAS — As consultas médicas dos Rapazes têm sido observadas à risca. Assim, vários deslocaram-se em Maio e Junho aos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), para as consultas de Medicina Dentária (Rúben Fonseca, Joaquim Miguel, Manuel António, Nelson, Igor, José, Diogo), de Oftalmologia (Igor) e à Urgência (Gerso), porque se feriu no tendão de Aquiles, num jogo de futebol, na Escola. O Belizário foi ao Hospital Pediátrico de Coimbra. Aos profissionais de saúde desses serviços, que tratam os Rapazes, o nosso muito obrigado!

ANIVERSÁRIO — A 6 de Junho, o Carlos Gonçalves fez 20 anos! Ele estava feliz, nesse dia. Nas horas

livres do estágio, no Restaurante, como tem ajudado nas obrigações, repartiu por todos, na sala de jantar, 2 bolos de aniversário, porque eram pequenos. Parabéns!

ESCOLAS — O terceiro período está a chegar ao fim e também o ano lectivo 2007/2008. Mas, vai terminando em dias diferentes, porque os Rapazes frequentam várias Escolas em Miranda do Corvo e Coimbra, em vários Ciclos (do 1.º Ciclo ao Secundário), em Cursos de Educação e Formação, e Cursos Profissionais.

O Fábio, que frequentou o 10.º ano do Curso de Climatização, não transitou, porque não se esforçou como devia. O João Pedro não aproveitou o estágio do Curso de Cozinheiro, em Coimbra, e parece não querer ter regras nem entrar na ordem da Casa, apesar de todas as chamadas de atenção. Nas férias, ficam ocupados nas tarefas agrícolas.

O João Pelengana e o Vítor Neves, desde 2 de Junho, encontram-se em carpintarias de Castanheira do Campo e Souselas a fazer o estágio do Curso de Carpinteiro de Limpos (9.º ano), da Escola Secundária D. Dinis, em Coimbra. Acontece que o João, afinal, gosta mais de cozinha; e, por isso, já está inscrito no Curso de Cozinha/Pastelaria (10.º ano), da Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra.

O André veio do Lar de Coimbra para Miranda do Corvo, porque completou o 9.º ano Alternativo, na Escola Martim de Freitas.

Os nossos Professores voluntários (Teresa, Joana, Maria José e Maria do Carmo) e o Prof. Francisco, que apoiam no Lar do Gaiato de Coimbra, reuniram, como é costume mensalmente, a 6 de Junho, para analisar a situação escolar dos Rapazes. Aqueles que estão a concluir o 9.º ano vão escolher as Escolas e os Cursos que querem frequentar, no próximo ano.

A nossa Escola do 1.º Ciclo, com mais um Rapaz (Luís), continua em bom caminho, com as suas actividades curriculares e extra. Não queremos que a nossa Escola feche.

ANTIGOS GAIATOS — Os senhores Enfermeiro José Martins e Manuel Machado e Esposa, antigos Gaiatos, vieram a nossa Casa, a 8 de Junho, para programarem o Encontro de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, a 6 de Julho, Domingo. De manhã, haverá uma Assembleia Geral; pelas 12h00 celebraremos a Eucaristia; a que se seguirá o almoço, por conta da nossa Casa. Venham matar saudades à vossa/nossa Casa e Família!

O Chola e o Zé Gordo, antigos Gaiatos, reagiram, num jornal de Coimbra, à falsa notícia relacionada com interesses futebolísticos sobre Rapazes da nossa Casa. Diga-se que *a montanha pariu um rato*. Descansem os nossos Amigos que somos bem tratados!

DESPORTO — Quem nos conhece, sabe que o desporto ocupa uma parte da nossa vida quotidiana. Escutemos, sempre actual, Pai Américo: «O desporto está na primeira linha da educação do homem. É um alimento físico e moral. É um companheiro de boas maneiras. [...] Assentámos num campo de jogos e piscina como parte integrante da nossa Aldeia. Em paga do nosso atrevimento, temos escutado as necessárias críticas.»

Fiéis ao seu mandato, todos os pequenos e os outros mais crescidos treinaram na tarde do feriado do

Dia de Portugal, 10 de Junho. Temos Equipa!

REUNIÃO DOS PADRES DA RUA — Os Padres da Obra da Rua fizeram a sua reunião habitual, no nosso Lar do Gaiato de Coimbra, dia 4 de Junho. Estiveram presentes os nossos Padres João, Baptista (que presidiu à Eucaristia), Acílio, Telmo (em férias, vindo de Malanje), Júlio e Manuel. O nosso Padre Carlos, como foi operado, não veio. Boa recuperação!

Alunos do Alternativo

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Como é habitual, votamos a dar testemunho das nossas visitas.

As famílias carenciadas deste País, cada vez mais estão penhoradas, uma vez que os bens essenciais estão desajustados nos preços para os rendimentos que usufruem.

Das famílias que visitamos, tentamos dar o nosso melhor, mas não conseguimos assegurar os seu dia-a-dia, porque as suas despesas e encargos, de acordo com o seu agregado familiar, são muitas. É que, para além da alimentação, são os medicamentos, água, luz, gás, passes, vestir, calçar, livros escolares e a renda de casa.

Se as famílias que recebem um rendimento razoável, neste momento estão a ter dificuldades, que fará estas, que recebem rendimentos mínimos e reformas mínimas...

Esperamos que os nossos governantes, tomem decisões rápidas para estas famílias carenciadas do nosso País, porque os rendimentos mínimos ajudam, mas não resolvem os problemas. É necessário haver um ajuste de salários e reformas, e criar mais postos de trabalho.

Temos outra situação dos velhinhos, que vivem sozinhos e que não conseguem internamento nos Lares sociais, porque a maioria dos Centros têm o triplo de quartos para particulares que podem pagar... e meia dúzia para os de rendimento muito baixo. Até depois de velhinhos são discriminados — é uma injustiça, eles têm direito a viver e a ter uma vida com dignidade até à sua morte, e não tratados como se fossem um estorvo.

Não sabemos o rumo que o nosso País vai levar, mas o que é certo é que se avizinham tempos muito difíceis para todos, vamos pedir a Deus e a nosso querido Pai Américo que nos proteja.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Queremos agradecer os donativos, que nos foram enviados, abaixo indicados.

Assinante 34788, o seu donativo; C. M. P., 20 euros; Elda Pinto, 20 euros; assinante 52820; Amigo, de Bucelas; assinante 11282, um cheque; M.ª Inês, 50 euros; Eng. Amílcar Alves, o seu donativo; Manuel Rocha, 50 euros; Amiga vicentina; António Fernandes, 50 euros; Avó de seis netos, a sua ajuda e que Deus a proteja.

Queremos, uma vez mais, apelar aos vossos corações para que nos ajudem e assim podermos dar continuidade ao nosso trabalho.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

MALANJE

Recordando

PRIMEIRO foi um pico no pé; depois, uma cortadela (quase invisível) num dedo; a seguir, um dente — com uma cara de quem não sabe o que é a dor de dentes. Sempre, na hora dos curativos, lá estava o nosso «Ciganá» com semblante sério e uns olhos ansiosos como quando se procura um ninho.

Ele vinha à procura dum gesto de carinho, dum palavra, dum aconchego. Sentia um vazio... Faltou alguma coisa no seu coração de menino: um beijo que se perdeu e não chegou à sua face; o calor saboroso num regaço de mãe.

Quando ele não aparecia, tinha a impressão de que a salinha dos curativos ficava vazia. Ainda hoje sinto falta daqueles dois olhos atirados aos galhos dum castanheiro à procura dum ninho.

Há qualquer mundo inacessível, como escarpas de montanha, nos olhos, indiferentes e mudos, do «Maradona». Só uma técnica de alpinista e cuidadosa, não vão os calhaus redondos rolar pela ribanceira...

Lá, na terra, roubava bicicletas e faltava à escola. A sua paixão de voar numa bicicleta! Que teria acontecido se os habitantes do bairro lhe tivessem oferecido uma?! Não o fizeram; antes, cheios de brilhos, reuniram esforços e remeteram-no à Casa do Gaiato. Removeram o pedregulho...

Tem quinze anos e a primeira-classe. Seus olhos meigos e receosos continuam vazios.

— Teu pai, às vezes, bebia?

— Embebedava-se e batia na minha mãe — disse ele.

— Antes de ires para a escola tomavas sempre o pequeno-almoço? — perguntei.

— Umaz vezes comia pão; outras, sopas de vinho; algumas, nada.

Por aqui deviam ter começado — o senhor Padre, a assistente social e os cristãos do bairro...

Não seria muito difícil pôr leite quente naquela mesa, todas as manhãs.

Padre Telmo

MOÇAMBIQUE

A SEMENTE QUE CAI — Foi nesta encosta da serra agreste de Monguene, cercada de flores silvestres e singelas, que os passarinhos escolheram para fazer os seus ninhos, o seu habitat. Esvoaçam de ramo em ramo, chilreiam felizes numa sinfonia de encantar que, só distante da civilização, nos damos conta do quão e tão belo a natureza nos delicia e nos reserva; surpreendentemente as maravilhas do universo que, pela calada da noite, olhamos: a lua, o cintilar das estrelas, as constelações por elas formadas, e ouvimos o cantarolar dos grilos e cigarras.

Uma semente caiu no penhasco da serra, germinou, cresceu e deu fruto. Uma excepção à regra, da qual se ergueu o Templo de Deus: A Capela da nossa Aldeia, onde todas as semanas se reúne a Comunidade para participar da Eucaristia e dar Graças por tudo quanto de bom nos acontece ao longo de cada semana. Construída com muito amor, carinho e sacrifício; espaçosa, airosa, simples, em círculo e coberta de capim. Símbolo da nossa vida, refúgio dos nossos pecados e das preocupações dos nossos padres, nos bons e maus momentos. Os olhos da nossa Obra postos no Céu. Bem delineada e elevada no centro da nossa Aldeia, com a Mesa posta para alimentar o Espírito de quantos a procuram.

A Cruz, recortada na parede tosca, e o Cristo gravado no Vitral, seguem-nos, dia após dia, na Esperança de uma reconciliação e conversão de todos os povos do mundo, para que haja uma melhor justiça e paz, concórdia e amor.

Defronte à Capela, dois pedregulhos ao alto e um terceiro sobreposto, simbolizam os inertes extraídos do solo na construção da Aldeia, tão linda e tão bem arquitectada. No mesmo plano, três construções se ergueram. A primeira, casa principal com recepção, cozinha, sala-de-jantar e uma Capelinha para a oração de graças diária do Padre da Casa; a segunda, o salão de festas; e a terceira, os escritórios de coordenação. Mais abaixo, a casa dos mais pequeninos — os «Batatinhas» — com lavanderia e rouparia. De seguida, os cinco dormitórios com capacidade para trinta Rapazes cada, por idades e respectivos chefes. Temos também, escolas, creches e o posto médico.

Não fosse o abandono de milhares e milhares de crianças, famintas, a vagar pelas ruas das cidades, com os perigos inerentes que todos nós conhecemos nos países africanos e não só, nada destas Obras fariam sentido.

Que a semente caia no coração de cada um, como a que caiu no penhasco da serra e no coração de Pai Américo, para que os frutos colhidos, consolem o corpo e a alma — das barriguinhas famintas e esfrangalhadas dos nossos meninos.

Júlio Silva

SETÚBAL

A família em desagregação

É decerto um dos problemas sociais mais graves dos nossos dias e no nosso meio. Este problema, entre as outras formas de injustiça que o apoquentavam, estava já no pensamento e no coração de Pai Américo: «O Rapaz da rua, o doente incurável, a Família em desagregação».

Se no seu tempo as famílias eram muito numerosas, hoje são muito reduzidas. Trocou-se a ordem dos factores — mais famílias em desagregação com menos membros cada uma.

As crianças que delas sobram não perdem os seus familiares, que são muitos e de diversos graus, mas perdem a família, o apoio que os ajudaria a estruturarem-se. Aqueles seguem cada qual a sua vida, e vão encontrar a mesma dificuldade em que deixaram as crianças. Por caminhos errados não se acerta.

Para combater estes males, a política social aponta no sentido de reagrupar as famílias desagregadas, no todo ou em parte. É uma boa intenção e um objectivo louvável. Mas em muitos casos sem êxito,

pois os novos agregados que entretanto se formaram não assimilam os frutos de experiências passadas.

O estilo de vida actual não favorece a integração e mais dificilmente a reintegração. Ela exige um esforço e uma dedicação por inteiro, numa base de esquecimento de si para lembrar o Outro. Podemos chamar-lhe de espírito de sacrifício, a que se opõe um espírito de egoísmo que hoje domina. Se lhe juntarmos uma dose de laxismo e irresponsabilidade, confiante em apoios sociais mal atribuídos e mal governados, vemos aumentado o leque de famílias na prática desagregadas.

Ainda agora tivemos o caso de uma família com tudo para o poder ser, mas que nem com os apoios que tem tido consegue viver num ambiente familiar para criar os seus membros mais novos. O escândalo

da institucionalização de um deles, surge como a tábua de salvação quando já nada mais resta pra lhe encontrar um bom caminho.

Chegados aqui, chamam por nós, já que em todo o distrito da sua residência não há lugar para ele. Mas nós somos para os sem-família. Só estes vingam no nosso meio. Onde quem o acolha?

O ser humano joga a sua existên-

cia num tabuleiro com muitos factores. Se nele entram algumas pedras facilitadoras de batota é tentado a jogar com elas e deixe de lado as que exigem esforço com resultados práticos mais tardios. Seria melhor que não se introduzisse aquelas no tabuleiro e se incentivasse e desse valor às segundas. Então o homem sentir-se-ia e seria mais homem.

Padre Júlio

BENGUELA

Casa de Família dos sem-família

ESTAMOS no mês de Junho, vulgarmente chamado o mês da Criança. Dois dias marcam este nome: O dia 1, por ser o Dia Internacional da Criança; e o dia 16, por ser o Dia da Criança Africana. Por isso, as palavras sobre a Criança multiplicam-se, nestes dias. É, sem dúvida, um tema universal que diz respeito a todos os povos. As nações, hoje, são o que foram as Crianças. Serão, amanhã, o que forem as Crianças. Daí que sejam consideradas por toda a sociedade uma prioridade absoluta, na linha dos cuidados. Quem dera!

Estou a ver, diante de mim, multidões de Crianças. Saem de todos os cantos. Vivem em condições de pobreza extrema e miséria. Pedem muitas vidas por amor. Transformam-se numa verdadeira paixão para quem faz o caminho ao seu encontro. O mundo novo está no coração delas. Mas não-de bebê-lo na fonte pura dos nossos corações. Tenho pena que as festas do mês da Criança não cheguem ao mundo indigno e desumano em que vive a maioria das nossas Crianças! Não é o pessimismo, nem o desânimo que falam, mas um grito revolucionário evangélico contra os critérios do mundo na gestão dos valores humanos.

Um dos Direitos fundamentais da Criança é o de nascer no seio duma família, constituída por um homem e uma mulher. A Criança, por direito, há-de ser fruto do amor estável, como garantia do seu crescimento normal, seguro, sem rupturas que afectem o seu equilíbrio. Que vejo? Uma multidão incontável de filhos, muitos deles nascidos à experiência, sem o mínimo de preparação para a vida da parte dos seus progenitores. Sim, olhar para a Criança sem cuidar da família é um serviço arriscado que resulta, muitas vezes, em fracasso. Os filhos e a família são dois valores absolutos inseparáveis.

O ambiente familiar é a resposta adequada à fome e à sede do coração das Crianças. Ontem, a propósito, numa breve entrevista aos meios de comunicação social, fui interpelado acerca da finalidade da nossa Casa do Gaiato. Não encontrei resposta mais ajustada e que mais me agrada do que esta: Ser Casa de Família dos sem Família. É uma tentativa. É uma busca do ideal que cura as feridas graves provocadas pela ausência da família natural. É um remédio para uma doença. Quem dera não fosse necessário! Mas, enquanto o mundo for este mundo, a caminho da transformação, há que dar as respostas inspiradas no Ideal. É o que queremos ser.

Há tempos, perguntaram-me porque não há mais Casas do Gaiato em Angola? Porque não levar esta experiência de algumas dezenas de anos e de resultados animadores para outras cidades do País? Sim, não falta a matéria-prima. Não faltam os filhos a necessitarem do nosso apoio. Faltam as vocações. Falta quem esteja disposto e disposta a dar as suas vidas, sem reservas, para que estas crianças tenham vida. Só! O resto virá por acréscimo. Não são precisas muitas. Alguma, apenas! A Esperança está viva. A bora, porém, é um segredo de amor escondido no coração d'Aquele que Se fez tudo para todos.

Padre Manuel António

Alargar o nosso horizonte

Continuação da página 1

nem queremos ficar alheios. A nossa presença e acção evangelizadora em África: Moçambique e Angola; a dedicação dos nossos Padres, Leigos e Leigas são um testemunho edificante e um desafio estimulante, até na linha do pastoral vocacional...

Há que abrir o nosso horizonte e o nosso coração às necessidades dos homens, aqui e agora, numa linha de abertura de espírito, de colaboração fraterna, aberta e humilde. Este é e será o caminho das vocações que tanto precisamos para a continuidade do carisma de Pai Américo.

Padre João

Uma interrogação

AGORA que somos obsequiados, dia-a-dia, com uma onda já significativa de jornais gratuitos — que têm o efeito benéfico de provocar à leitura um leque largo dos que nada liam e encontram neles, afinal, notícias dos acontecimentos principais do tempo que corre e até algumas notas de *opinião* interessantes — eu pergunto-me: qual o objectivo autêntico desta generosidade?

É que no contexto desta Sociedade de Deseducação que nos envolve, se diversifica e aperta cada vez mais, surge como rebento frágil em fraca terra a credibilidade para fins de Cultura e de outros bens tão necessários ao Povo.

Páginas inteiras destes jornais dão-nos notícia de uma nova *indústria* em franca proliferação, a qual é a de meter em força dinheiro nas algibeiras de quem já as tinha rotas e agora mais com o peso das facilidades oferecidas. Já não cbegam os dedos das mãos para contar empresas desta espécie. E o que mais me veio entristecer foi o conhecimento de Bancos da «velha guarda» que entraram nesta linha com a abertura de serviços específicos. Certamente visam lucros... Custa-me compreender através de quantas confusões poderão chegar a eles... Mas terá de ser, embora de modo refinado, à maneira das antigas Casas de Penhores que, em certo momento, pareceram (e terão sido pontualmente) o socorro dos Pobres, mas são quase sempre meio para os afundar de vez. Apesar de abertas para o Povo, sustentadas por ele, nunca estas casas gozaram de simpatia generalizada. Os Bancos, porém, e todas as Empresas qualquer que seja o ramo, deveriam assumir, proporcionalmente à sua grandeza, uma função pedagógica ao serviço do Povo. Estimulá-lo ao trabalho; proporcionar-lhe trabalho; apoiá-lo na gestão do seu pecúlio; ensiná-lo a poupar — menos devedores e mais depositantes! Mas não é assim. As grandes Empresas, as Magnas, assumem-se, sim, ditadoras do mercado. Quanto mais pobre o Povo, mais ricas elas. E não há Estado, mesmo que se afirme Social, que ponha ordem. O comunismo foi-se. Do capitalismo — valha-nos Deus! Então que fica... senão as consciências, a recta consciência dos homens?!

Esta semana fomos surpreendidos por uma carta das tais novas empresas, uma de que ainda não ouvimos falar, dirigida a um dos Rapazes que, como muitos outros, teve de abrir conta bancária para receber as pequeninas contribuições da Acção Social Escolar. Começava assim: «Gostaria de lhe propor um crédito pessoal até vinte mil euros para utilizar *onde, como e quando quiser*». (O sublinhado é nosso.) E acrescentava uma ladainha de créditos e outras mais valias, que seriam — pensam eles — uma lufada de oxigénio na sua vida.

Que rica proposta a um «teenager»... remetida por quem, ao que julgo, ainda não atingiu o senso deste nível etário! Este é o mundo em que vivemos onde a deficiência de Bom Senso, a debilidade das consciências aparecem como epidemia universal.

A erradicação da pobreza passa necessariamente pela conversão da Sociedade que a produz

E como não gosto de dizer mal sem ter à mão um contraste; e justamente porque se fala de Bancos e de empresas que se assimilam a tais — vou terminar com a palavra de um Banqueiro muitas vezes chamado a estas colunas por razões positivíssimas, o Doutor Muhammad Yunus, que vê os empreendimentos financeiros exactamente pelo *negativo* de que a vulgaridade se serve para *ver*:

«Para mim os Pobres são como as árvores bonsai.

Quando se semeia a melhor semente da árvore mais alta, num vaso, obtém-se uma replica da árvore mais alta, mas só com uns centímetros de altura. Nada há de errado com a semente que se semeou, apenas o solo onde foi plantada é que não é adequado.

Os Pobres são como os bonsais.

Não existe nada de errado com as suas sementes. A sociedade é que não lhes proporcionou as bases para crescerem.

Tudo o que é preciso para tirar os Pobres da pobreza é criarmos um ambiente que lhes seja favorável. Uma vez que eles consigam libertar a sua energia e criatividade a pobreza desaparecerá muito rapidamente.»

Padre Carlos